

— Mas, Cátia, você tá parecendo com ciúmes agora... — Mingfei Lu falou com voz fraca. — Não tô, você que tá vendo coisa. — Nuonuo soltou o rosto dele e voltou para o provador. No final, escolheram mesmo aquele vestido vermelho. — Pode passar no cartão. — Mingfei estendeu o cartão preto para o atendente com dois dedos. O atendente trouxe rapidamente a maquininha. Mingfei inseriu a senha e ficou girando a caneta enquanto esperava o comprovante para assinar. Ele estava acostumado com esse processo — no Instituto Kassel, até o lanche da madrugada era pago assim. — Senhor, este cartão está inválido. — O atendente manteve um sorriso educado enquanto mostrava a mensagem "INVÁLIDO" na tela. Mingfei ficou chocado. — Droga, esqueci de pedir pro banco desbloquear de novo. — Ele cobriu a testa suada. — Só pra avisar, eu também não trouxe dinheiro. — Nuonuo cruzou os braços, falando calmamente. Mingfei ficou agitado, pulando de um lado pro outro, quando seu celular vibrou. Ele agarrou o aparelho como se fosse um raio de esperança. — Tomara que seja o Shixiong... — rezou. [O cartão está no quebra-sol do carro. A senha é meu aniversário. Com sua memória, aposto que esqueceu de desbloquear.] A mensagem era de Zihang Chu. — ISSO! Shixiong, sua bondade é inesquecível! Eu juro ser seu escravo, seu cavalo, seu tudo! — Ei, se você se entregar pro Zihang, eu fico de viuvez? — Tô brincando! — Mingfei coçou a cabeça, então percebeu. — Cátia, você acabou de dizer que a gente é casado, né? Nuonuo fingiu não ouvir, cantarolando. Mingfei segurou a mão de Nuonuo enquanto saíam pelo vão mais largo do portão de ferro. — Esse é o seu "esconderijo secreto"? — Nuonuo olhou em volta, curiosa. Era o terraço do prédio onde Mingfei morava. Ele não respondeu, puxando-a até a beirada do parapeito de concreto. Sentaram. — É bonito mesmo, não é à toa que você gosta. — Nuonuo observou o horizonte, onde os arranha-céus do centro financeiro brilhavam. — Todos os dias, durante dezoito anos, eu vinha aqui ficar à toa. Depois mentia pra minha tia, dizia que tinha feito lição na mesa do correio. — Mingfei falou baixinho. — Eu era bem entediante. Quando não tinha nada pra fazer, subia aqui. Geralmente de tarde, sentava exatamente onde estamos agora, vendo o sol se pôr. Contava os carros na ponte, brincava de atirar nos semáforos com os dedos, imaginando se conseguiria fazer eles mudarem de vermelho pra verde com um biu. — Às vezes, raramente, funcionava. Aí eu ficava feliz, achando que tinha algum superpoder. — Naquela época, eu só matava tempo. Pra mim, Mingfei Lu, tudo era só questão de tempo — e eu, como alguém invisível, só tinha tempo demais pra gastar. — Na verdade, eu tinha muito tempo antes, mas tudo se foi enquanto eu esperava o pôr do sol aqui em cima. E não tinha nenhuma garota que eu gostasse do meu lado. — Cátia, você sabe que eu já vivi outra vida, né? — Mingfei perguntou de repente. Nuonuo hesitou, então acenou levemente. — Sei. — Se sabia, por que nunca perguntou? — Ele levantou a mão dela, observando os dedos finos e sem defeitos. — Porque queria que você contasse sozinho. — Ela virou o rosto, olhando seu perfil. — Conheço seu jeito. Se você não quer falar, não adianta eu perguntar. — Faz sentido. — Mingfei coçou a cabeça com a mão livre. — E como é que a gente era na outra vida? — Nuonuo perguntou. — Na outra vida... a gente não ficou junto. — Imaginei. — Ela entrelaçou os dedos com os dele. — E qual era nossa relação? — Era tipo... — Mingfei pareceu pensar, ou lembrar. — O Monge Tang e o Macaco Bobo? — Que comparação esquisita é essa? — Cátia, se naquela noite no cinema eu ainda estivesse apaixonado pela Wenwen Chen, e levasse um tapa virtual do MengHua Zhao... e você aparecesse do nada pra me salvar... — Se fosse assim, como você acha que eu seria? O mesmo de agora? Ou só um perdedor sem saída? Nuonuo ficou em silêncio por um longo tempo. — Um perdedor. Se você não fosse um perdedor, por que eu ia te recolher? — É. Na minha memória, eu era mesmo um perdedor. Naquela noite, eles iam assistir Wall-E. Já viu? — Nunca. — Nuonuo balançou a cabeça. — Vou passar pra você. A gente assiste junto. Mingfei estalou os dedos, e o cenário ao redor mudou — agora estavam naquela pequena sala de cinema. Na tela, Wall-E começava. Outro estalo, e um copo gigante de refrigerante e uma pipoca apareceram entre eles. A história se passava num futuro distante, onde a Terra tinha sido abandonada por causa da poluição. Os humanos viviam em naves espaciais, e só restava no planeta um robôzinho chamado Wall-E, que, por algum motivo, continuava trabalhando muito além do previsto, compactando lixo e empilhando-o em montanhas. Até que um dia, uma nave desce do céu. Era Eva, um robô avançado e bonito, mandado para inspecionar a Terra. O caipira Wall-E se apaixona por Eva, e juntos eles embarcam numa aventura

pelo espaço, ajudando os humanos a retornarem para casa — uma Terra que, no final, renasce. Era basicamente a velha história do perdedor que se apaixona pela garota popular, com um final feliz clichê. — Você tem esse poder também? — Nuonuo riu. — Ótimo pra conquistar garotas. — Vamos assistir. — Mingfei falou, e os dois ficaram em silêncio. Na tela, Wall-E e Eva voavam pelo espaço escuro, deixando rastros de fumaça branca que desenhavam formas curiosas. Depois, o Wall-E se meteu numa enrascada e quase foi esmagado num monte de sucata. A Eva se jogou de corpo e alma pra salvar ele, mas o que sobrou não era muito diferente de um amontoado de ferro-velho. Wall-E ficou meio burrinho, não era mais aquele robô fofo e pateta. Virou só mais um modelo de fábrica programado pra amontoar lixo. Aí veio a parte de derrotar a inteligência artificial maligna, a nave espacial voltou pra Terra, e a Eva, turbinada, levou o Wall-E desorientado de volta pra casinha dele no planeta... — Sabe, shijie, eu gosto de você. Desde o dia em que me achou nessa sala de cinema — Lu Mingfei falou de repente, os olhos fixos no rosto iluminado pela tela. — Tanto nessa vida quanto na anterior. — Eu sei — Chen Motuo respondeu, balançando a barra da camisa dele como se fosse coisa boba. — Não fica preso no passado, tá? A gente tá junto agora, isso que importa. — Eu queria muito dizer que te amo — ele confessou, virando pra encarar o perfil dela à luz prateada da projeção. Os cílios dela eram longos, curvados, e o batom brilhava suave. — Mas não sei se isso é amor de verdade. Nunca amei antes, a palavra me é estranha. Dizem que sem conhecer alguém direito, não pode ser amor, só paixão ou admiração. — É amor — ela afirmou, sem desviar os olhos da tela, só sugando o refrigerante. — Não lembro de como era na outra vida, mas devo ser a mesma pessoa. Se você fez tudo isso por mim, como não seria amor? De repente, Motuo entendeu por que o filme antiquado fez tanto sucesso. Os robôzinhos eram fofos demais. No auge, a Pixar tinha esse dom — criava personagens que derretiam qualquer coração. Na tela, Wall-E segurou a mão da Eva. Os lábios dela, antes lineares, curvaram-se devagar. Nenhum dos dois falou. Só ficaram ali, calados, enquanto Wall-E e Eva se reconectavam, o pobretão recuperava a memória e conquistava a patricinha, tudo embalado por uma trilha aconchegante. Até os créditos finais rolarem. Lu Mingfei mal prestou atenção no filme. Passou o tempo todo olhando para o rosto dela. Shijie, você sabe que eu tô te olhando, né? Você tá esperando eu dizer alguma coisa, não tá? — Quer que eu vá pegar mais pipoca? — ele se levantou, mas sentou de novo. — Ah, deixa. — É que... Os dedos dele se entrelaçaram aos dela. — Eu te amo, shijie. Motuo sorriu e finalmente o encarou. — Eu também te amo. Ele corou. — Shijie, hoje, com Chen Wenwen... Só foi minha forma de virar a página. Na outra vida também não entendi direito, sou meio lerdo pra essas coisas. Se te magoei... Ela deu uma risadinha. — Tá ainda nisso? Já disse que não tive ciúmes. — Achei que fosse ironia... — Escuta aqui — ela apertou a mão dele. — Quando uma garota diz "não", às vezes é não mesmo. — É que não manjo muito, falta experiência — ele coçou a nuca. — Sou meio desastrado, na vida e no amor. Preciso que você tenha paciência. — Relaxa — Motuo encolheu os ombros. — Relacionamento é isso: aprender e se adaptar um ao outro. O cenário voltou a ser o terraço. O vento noturno ergueu os fios vermelho-escuros dos cabelos dela, e ela os acomodou atrás da orelha. — Você falou que não me conhece — Motuo disse. — No meu aniversário, prometi contar minha história no seu. Quer ouvir? — Claro que quero! — ele se endireitou na cadeira, atento. — Hmm... Por onde começo? — Ela olhou para as estrelas, hesitante. — Vamos pela minha família. — Meu clã é rico. Um dos mais influentes entre os meio-sangues na China. Meu "pai" é um enigma — quase nunca o vi. — O homem usa fertilização in vitro pra ter filhos, então tenho dezenas de irmãos. — O rosto dela endureceu. — Melhor não falar dele. Só de lembrar, me dá raiva. — Cresci numa propriedade da família Chen. Sempre fui a melhor entre as crianças, então ganhava atenção "dele". — Até que minha mãe apareceu. Diagnóstico: doença parasitária. E eu fui arrastada pra baixo junto. — Ela era indiana. Na verdade, só a conheci quando ficou doente. — O mais estranho? Ela nunca me vira antes, mas mesmo assim me amou. — Motuo baixou a cabeça, a franja escondendo os olhos. — Foi minha primeira experiência com "afeto familiar". — Fiquei com ela até o fim. Foi no hospital que entendi: por mais que me esforçasse, seria só uma ferramenta pra família. Inútil? Jogada fora. — Quando ela morreu, perdi a única pessoa que realmente se importava. Daí, resolvi sumir. Fui pra Cassel. — Só queria sobreviver. — Ela olhou para o horizonte. — Às vezes, nem isso. Sem passado, sem futuro.

Meus primeiros 18 anos foram um sonho. Sem rumo, sem parentes — aquele homem não conta. Sem amigos, até chegar lá. — Não sou tão forte quanto pareço. Aquele jeito louco e despreocupado? Só tédio. Se vou aprontar, que pelo menos seja divertido.— Não consigo encontrar nenhuma motivação pra continuar vivendo... Nenhuma razão que me faça seguir em frente — Nono encolheu os ombros, com um sorriso amargo. — Parece meio dramático, né? Até tenho medo que você ria de mim.— Não vou rir — respondeu Lumingfei, balançando a cabeça com seriedade, todo ouvidos.— Sempre tive esse pressentimento... uma sensação de que algo terrível está me esperando no futuro, algo inevitável. Só queria ser mais corajosa. Queria que alguém pudesse me ajudar.— Não sei nem como explicar direito... É como se eu estivesse mergulhada no fundo de um oceano escuro. Olho pra todos os lados e só vejo escuridão sem fim, sem saída. Mas tem uma coisa que ainda me dá esperança.— Você sabe como é uma pessoa se afogando, né? Ela agarra qualquer coisa que tocar, com unhas e dentes. Porque é a única chance de sobreviver.— Você já jogou Go? — Nono mudou abruptamente de assunto.— Nunca joguei — admitiu Lumingfei, franzindo a testa com honestidade.— Eu jogava quando era pequena. Minha família exigia que eu fosse excelente em tudo — ela riu, sem humor. — No Go, existe um termo chamado "olho". É tanto um território conquistado quanto uma condição especial que mantém as peças vivas.— Quando um grupo isolado de peças forma dois "olhos", elas se protegem mutuamente. O adversário não pode atacar, garantindo a sobrevivência no tabuleiro.— Entendi — Lumingfei acenou. — É quando a peça não pode ser capturada, certo?Nono não respondeu. Em vez disso, apoiou suavemente a testa no ombro do rapaz.— Lumingfei... você é meu "olho".— Ou, como eu disse antes, você é minha tábua de salvação.— Você sempre diz que eu sou sua luz — murmurou ela, voz embargada. — Mas você também é a minha luz, sabia? Eu me sinto tão segura... Porque sei que não importa o que aconteça, você vai estar ao meu lado. É só eu me agarrar forte a você que nada mais me assusta.

<http://portnovel.com/book/21/3657>